

PARDO É PAPEL:

**guia para utilização das obras de
Maxwell Alexandre em contextos
pedagógicos.**



**GEIZA OLIVEIRA DE CARVALHO
CAROLINA LIMA VILELA**



Rio de Janeiro, 2024

***Pardo é papel:* guia para
utilização das obras de Maxwell
Alexandre em contextos pedagógicos**

Geiza Oliveira de Carvalho

Carolina de Lima Vilela

***Pardo é papel: guia para utilização das
obras de Maxwell Alexandre em contextos
pedagógicos***

1^a edição



2024

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

C331 Carvalho, Geiza Oliveira de

Pardo é papel: guia para utilização das obras de Maxwell Alexandre em contextos pedagógicos / Geiza Oliveira de Carvalho; Carolina de Lima Vilela. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2024.

50 p.

Bibliografia: p. 48-50.

ISBN: 978-65-5930-148-5.

1. Educação. 2. Decolonialidade. 3. Prática pedagógica. 4. Arte. 5. Maxwell Alexandre. I. Vilela, Carolina de Lima. II. Título.

CDD 370

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Resumo

O material a seguir foi produzido com base em uma oficina pedagógica com atravessamentos da perspectiva decolonial. Configura-se em um compilado de informações pertinentes a educadores que desejem realizar atividades pedagógicas com base nas obras do artista plástico Maxwell Alexandre. O artista, cria da Rocinha, apresenta em suas obras provocações quanto à nomenclatura “pardo”, ao criar a série/exposição *Pardo é papel*, e busca subverter signos ao desenhar pessoas pretas em situação de poder e conquista. MW, como assina, está em franca projeção no cenário nacional e internacional e possibilita uma infinidade de abordagens pedagógicas em diferentes disciplinas e contextos. Além da indicação das principais obras e séries do artista, o professor encontrará um glossário contendo rubricas presentes em suas telas, de modo que se aproprie das marcas e referências recorrentes nas obras de Alexandre. Há neste material algumas sugestões para aplicação de oficina pedagógica com as obras de Maxwell, bem como sugestões de utilização de algumas artes em específico. É um material aberto a adaptações, e cada educador poderá criar atividades com base nos subsídios aqui fornecidos.

Palavras-chave: Maxwell Alexandre; decolonialidade; educação; cotidiano escolar; conflitos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Maxwell Alexandre	16
Figura 2: Glossário MW	18
Figura 3: Maxwell Alexandre, Tão saudável quanto um carinho, Série Reprovados, 2017.....	22
Figura 4: Maxwell Alexandre, Éramos as cinzas e agora somos o fogo, Série Pardo é papel, 2018.....	23
Figura 5: Maxwell Alexandre, Éramos as cinzas e agora somos o fogo (diss), Série Pardo é papel, 2019	24
Figura 6: Maxwell Alexandre, Só quando tu tá com as folhas, geral gosta de salada, Série Pardo é papel, 2018	25
Figura 7: Maxwell Alexandre, E para salvar o país, Cristo é um ex-militar, Série Pardo é papel, 2018.....	26
Figura 8: Maxwell Alexandre, E para salvar o país, Cristo é um ex-militar II, Série Pardo é papel, 2018	27
Figura 9: Maxwell Alexandre, Não foi pedindo licença que chegamos até aqui, Série Pardo é papel, 2018	28
Figura 10: Maxwell Alexandre, Cabeça de papel, Série Pardo é papel, 2018.....	29
Figura 11: Maxwell Alexandre, Merenda, Série Pardo é papel, 2018	30
Figura 12: Maxwell Alexandre, Pisando no céu, Série Pardo é papel, 2020.....	31
Figura 13: Maxwell Alexandre, Cantos de Esquinas, Série Pardo é papel, 2019.....	32
Figura 14: Maxwell Alexandre, Crianças atrás de telas, Série Reprovados- Pardo é papel, 2018	33
Figura 15: Maxwell Alexandre, Megazord só de Power Ranger preto, Série Pardo é papel, 2019.	34
Figura 16: Maxwell Alexandre, Sem título, Série Pardo é papel, 2019.....	35
Figura 17: Maxwell Alexandre, Sem título I, Série Novo Poder, Série Pardo é papel, 2019.....	36
Figura 18: Maxwell Alexandre, Sem título II, Série Novo Poder, Série Pardo é papel, 2019.....	36
Figuras 19, 20 e 21: Maxwell Alexandre, One planet, one health, Série Entrega, 2022.....	37
Figura 22: Maxwell Alexandre, One planet, one health, Série Entrega, 2022.....	38
Figuras 23, 24 e 25: Maxwell Alexandre, Novo Poder – Passabilidade, exposição no Pavilhão Maxwell Alexandre, São Cristóvão, 2023.....	39

Figuras 26, 27 e 28: Maxwell Alexandre, Novo Poder – Passabilidade, exposição no Pavilhão
Maxwell Alexandre, São Cristóvão, 2023.....39

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	8
2.	CONCEITOS QUE BASEIAM A PROPOSTA PEDAGÓGICA DECOLONIAL	10
3.	CONHECENDO O ARTISTA: QUEM É MAXWELL ALEXANDRE?	16
4.	O QUE MW PROPÕE?	17
5.	GLOSSÁRIO MW	18
6.	PRINCIPAIS OBRAS E SÉRIES DE MW	21
6.1	<i>Série Reprovados</i>	21
6.2	<i>Série Pardo é papel</i>	22
6.3	<i>Série Novo Poder</i>	35
6.4	<i>Série Entrega</i>	37
6.5	<i>Série Novo Poder – Passabilidade</i>	37
7.	DICAS DE CONCEITOS PERTINENTES	40
7.1	Interseccionalidade	40
7.2	Colorismo	40
8.	TEMAS CONTEMPLADOS	42
9.	SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA UTILIZAR AS OBRAS DE MAXWELL ALEXANDRE	43
9.1	Oficina pedagógica	43
9.2	Segurança alimentar e nutricional	45
9.3	Precarização do trabalho	45
9.4	Interpretação	46
10.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
11.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

1. INTRODUÇÃO

“*Pardo é papel: guia para utilização das obras de Maxwell Alexandre em contextos pedagógicos*” é o produto educacional no qual será apresentado o artista plástico Maxwell, que também será chamado por MW, como ele assina. Serão indicadas suas principais propostas artísticas na trajetória como profissional, iniciada em 2017, algumas de suas séries e obras, bem como a relevância de sua produção.

Além da apresentação de MW e sua trajetória pessoal, que o formou como artista, serão destacadas obras, indicando suas correlações com outras linguagens artísticas e as referências presentes em sua obra. Não se objetiva interpretar as obras, ou esgotar todas as referências presentes, mas demonstrar a riqueza de detalhes e de possibilidades pedagógicas em suas telas. Assim, pretende-se possibilitar que professores e alunos tenham contato com a arte de MW e vivenciem suas próprias experiências estéticas, façam debates e interpretações com base em seus cotidianos e realidades.

A intenção é que este guia permita possibilidades de se usar as obras de MW em sala de aula como práticas atravessadas pelo pensamento decolonial. Além da aplicação de uma oficina pedagógica com obras de várias séries do artista, existem diferentes formas de uso deste material, que pode ser desmembrado e aplicado com base em uma única obra para tratar algum tema específico e pertinente ao professor, em sala de aula como um material didático. Ou ainda ser utilizado como projeto interdisciplinar, abarcando temas de Geografia, História, Artes, Sociologia, Filosofia, Língua Portuguesa, entre outras disciplinas.

É adequado ressaltar que este material, à primeira vista, pode ser associado à utilização como uma oficina voltada para a valorização da Consciência Negra. No entanto, no diálogo com os referenciais teóricos aqui propostos, ressalva-se que, diferente do que muitas vezes se tem praticado, a Consciência Negra não deve ser abordada apenas no mês de novembro, como mais uma prescrição curricular a ser cumprida, e sim como uma temática que deve permear todas as aulas, independentemente da série-idade e da disciplina, numa perspectiva transversal, constante e transformadora.

Apesar de símbolos do estado e da cidade do Rio de Janeiro serem recorrentes e rubricas na produção de MW, compreende-se que a sua produção é riquíssima e ultrapassa as fronteiras do estado do Rio de Janeiro, podendo ser aplicadas nas mais diferentes realidades,

pois MW ao desenhar seu cotidiano, suas memórias, elementos de sua infância e adolescência, cria diferentes conexões e identificações com quem entra em contato com sua obra.

2. CONCEITOS QUE BASEIAM A PROPOSTA PEDAGÓGICA DECOLONIAL

A colonialidade é uma força poderosa que permanece e organiza os modos de pensar, agir e desejar dos indivíduos subalternizados, o que nos desumaniza e nos coloca no lugar de “outro”. Sendo, portanto, a colonialidade um projeto de poder eficiente que permanece nos cotidianos do Sul Global como algo naturalizado, uma vez que todo o saber do colonizador foi imposto como verdade universal, e toda a produção e conhecimento diferentes desse saber foi invisibilizado, ou ainda, apropriado. Assim sendo, é imperativa a tomada de consciência sobre este processo/projeto que foi a colonialidade, identificando suas permanências no dia a dia, para que seja possível reagir, negar e combater essa imposição nos modos de ser, agir e pensar.

As práticas pedagógicas decoloniais vêm sendo desenvolvidas com base nessa necessidade de identificar as colonialidades do ser, do saber e do poder presentes no ambiente escolar, para transgredir, desaprender o cânone, trazendo novos saberes, novas formas de pensar com base nos sujeitos subalternizados. Dessa forma, um dos passos iniciais dentro dessa proposta epistemológica seria a tomada de consciência, o reconhecimento e a identificação das colonialidades que permeiam os cotidianos do Sul global. Até porque as transformações sociais só ocorrem quando acompanhadas de uma transformação epistêmica (MELO; RIBEIRO, 2019).

A pretensão é que os seres que foram subalternizados se destaquem como também promotores de saberes e conhecimentos, e, principalmente, como capazes de pensar por si para si, ou seja, capazes de fazer reflexões, produzir conhecimentos e criar soluções próprias. Como afirmam Santos (2010) e Rufino (2021) a intenção do pensamento decolonial não é negar a produção científica e acadêmica construída até aqui, e sim promover uma ecologia de saberes, que cruze os saberes, tanto acadêmicos quanto populares, proporcionando uma intersecção das culturas (FULTON, 2022). Conforme afirma Santos, a ecologia de saberes deve dar “preferência às formas de conhecimento que garantam a maior participação dos grupos sociais envolvidos na concepção, na execução, no controle e na fruição da intervenção” (SANTOS, 2010, p.51).

Práticas pedagógicas decoloniais podem ser desenvolvidas com base em experiências já realizadas nas escolas, dentro de seus cotidianos, vivências, questões e conflitos. Isso porque existem variados saberes construídos no chão da escola, de onde surgem estratégias, práticas e soluções pedagógicas, que corriqueiramente são desconsiderados como produções, como

produtos do saber escolar, justamente pela visão eurocentrada do que é tomado como saber formal.

É possível, então, partir dos cotidianos escolares para construir práticas pedagógicas decoloniais. Faz-se importante ressaltar que cotidiano escolar é permeado por conflitos que evidenciam as diferenças presentes em nossa sociedade e que, portanto, serão também reproduzidas no meio escolar. Os cotidianos evidenciam as lutas, e poderes estão em disputa e contestação permanentes (FERRAÇO *et al.*, 2002).

Os conflitos e as diferenças não necessariamente precisam ser vistos como problemas a serem superados, mas uma vantagem pedagógica, como indicou Emília Ferreiro. Em outras palavras, conflitos e diferenças presentes no cotidiano escolar podem ser utilizados como ganchos para trazer temas a serem tratados em sala de aula como conteúdos (nesta pesquisa tratados como emergentes), mesmo que não estejam contemplados no currículo oficial.

Ao apontar a presença de um novo perfil de cidadãos que chegam à educação formal devido a políticas de ampliação do acesso à educação nos últimos anos, Gomes (2018), argumenta que esses novos sujeitos trarão novas demandas para o espaço escolar, e, por consequência, novos conflitos que evidenciarão diferenças. O que força as instituições a se repensarem por dentro. Para ela, esses novos atores no ambiente escolar questionam as teorias postas como verdades universais, levando para a escola novas visões e percepções de mundo, colocando, inclusive, o lugar do professor como detentor de todo o conhecimento em xeque. A autora segue desenvolvendo sobre o tema e alerta para que não se caia na negação da riqueza dos conflitos presentes nos cotidianos escolares, pois incorre no risco comum que é a imposição de um currículo colonial, que além de catequizar saberes, discriminam e excluem (GOMES, 2018).

Sobre os conflitos e as diferenças evidenciados no espaço escolar e a necessidade de mudanças nas práticas pedagógicas, Candau (2016) acrescenta que as diferenças culturais vêm ganhando destaque no debate público, pois trazem temas como relações étnico-raciais, religiosidade, questões de gênero, entre tantas, que, se por um lado, provocam tensões, por outro, levam a reflexão sobre a urgência de construir uma sociedade mais democrática que proporcione cidadania plena a todos.

Com base nessa ponderação de Candau, é possível lançar mão do conceito de interseccionalidade como uma ferramenta de análise para lidar e compreender os diversos

conflitos, tensões e diferenças que surgem no espaço escolar, uma vez que a interseccionalidade permite uma sobreposição de trajetórias (CRENSHAW, 2002), ao fornecer instrumentos teórico-metodológicos sobre a indissociabilidade do racismo, capitalismo e patriarcado de modo a “revelar quais são as pessoas realmente acidentadas pela matriz de opressões” (AKOTIRENE, 2022, p. 19). Propõe-se, portanto, que, ao longo das atividades, das interações e observações dos cotidianos, a utilização da interseccionalidade como meio de compreensão e leituras das possíveis múltiplas realidades apresentadas.

O ingresso de novos sujeitos no espaço escolar agregando novas culturas, novos hábitos às escolas, acresceu as diferenças culturais e os conflitos que ganham maior intensidade com a manutenção tanto de currículos oficiais, formais quanto dos ocultos, sem levar em consideração as mudanças sociais e do espaço escolar.

A escola no Brasil “comeu na gamela da colonização, foi investida para perpetuar as dimensões de saber e poder do modelo dominante” (RUFINO, 2021. p.59) fazendo com que muito do que se ensina não tenha significado para os alunos, e apresente, por vezes, conteúdos que não fazem sentido, que não dialogam com suas realidades, com suas demandas e necessidades. A reflexão sobre como criar um currículo que tenha significado e sentido para os alunos levou Alves (*et al.*, 2002) à sugestão de criar currículo com base nos cotidianos escolares, afinal o que interessa no estudo sobre os cotidianos são as pessoas (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018).

Compreende-se que utilizar as demandas dos alunos é umas das formas de criar currículo com base no dia a dia trazendo as variadas realidades dos educandos para a sala de aula, assim como seus saberes colocados em situação de equidade com outros saberes, de modo a produzir novos saberes a partir dos conteúdos emergentes. A proposta, como já mencionada anteriormente, é construir com o “outro” e não sobre o “outro”, superando, desse modo, os protagonismos e as individualidades e personificações, e colocando como relevante o processo de produção do conhecimento, as relações construídas e as redes tecidas (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018).

Silva (2013) defende que um currículo decolonial não pode separar conhecimento, cultura e estética de questões relacionadas a poder e política. Estes são conceitos que se entrelaçam e se influenciam. A concepção do que é cultura, o que é conhecimento e o que é belo está carregado de relações históricas de poder e política com base no olhar hegemônico. Pois foram políticas que determinaram/definiram os parâmetros de saber, de ser e de poder.

Portanto, a construção de práticas decoloniais, de um currículo decolonial, não podem dissociar os parâmetros: conhecimento, cultura, estética de poder e política.

A colonialidade subalterniza o “outro” criando hierarquias que atingem os mais variados campos, inclusive, o estético, impondo uma hierarquia do que é arte, do que é belo, do que é apreciável. Desse modo, este guia propõe a utilização de imagens pintadas pelo artista plástico Maxwell Alexandre para a construção de atividades pedagógicas sob a perspectiva decolonial, com a intenção de atender alguns dos conteúdos emergentes que dominam os cotidianos escolares.

A escolha de Maxwell Alexandre ultrapassa sua produção artística, na qual representa corpos negros em situação de empoderamento e abre espaço para refletir sobre a violência urbana, as abordagens policiais nos diferentes espaços da cidade, religiosidade, entre tantos outros temas possíveis. A questão da representatividade está baseada também na própria figura do artista, que personifica o negro da favela sendo bem-sucedido, um criador de arte, um intelectual, um produtor de conhecimentos. Um sujeito que reflete sobre sua realidade e usa sua arte como meio de denúncia e de exaltação.

A obra de Maxwell Alexandre é uma denúncia ao racismo presente no cotidiano, desde as expressões racistas mais violentas até as mais sutis. Sua escolha ao denunciar o racismo se dá com a representação de personagens majoritariamente negros não em situação de submissão, violência ou subalternidade, e sim em momentos de conquistas, lazer e ostentação. As obras se apresentam como um contraponto ao que Muniz Sodré (2023) denomina “invisibilidade” que atravessa a existência e vivência de pessoas negras. Daí vem a potência de sua produção artística e a imediata identificação com suas obras.

A utilização de papel pardo como base de suas pinturas e denominação de sua série de *Pardo é papel* parte de uma escolha política. Pois, ao se declarar preto, Maxwell Alexandre aponta que a nomenclatura “pardo” foi utilizada para disfarçar, amenizar a negritude, embranquecer corpos negros.

Maxwell Alexandre, ao fazer tal provocação com o nome da série e o material base, o papel pardo, não está negando a existência de pessoas pardas. Vale apontar que o IBGE considera negro o conjunto de pessoas que se declaram pretas e pardas, que, somadas, correspondem hoje a 55,5% da população brasileira (DEVULSKY, 2021; IBGE, 2023). O que o artista busca mobilizar com essas provocações é uma reflexão e denúncia ao mito da

democracia racial, segundo o qual o Brasil seria um país “harmoniosamente mestiço” (DOS SANTOS, 2022), no qual negros e indígenas seriam bem aceitos, sob a condição de aceitar os papéis e espaços que lhes cabia. A democracia racial funciona, portanto, como apaziguador de conflitos, sem a necessidade de criação de leis segregacionistas (DOS SANTOS, 2022).

O que dá margem à criação do mito da democracia racial é a mestiçagem brasileira. Mestiçagem essa baseada, sobretudo na violência sexual contra negras e indígenas e, posteriormente, no projeto eugenista de embranquecimento da população brasileira. Por isso, as provocações feitas por MW são pertinentes e possibilitam pensar a miscigenação do Brasil para além do mito da democracia racial.

Por outro lado, a miscigenação de nossa população, além de ser utilizada para impulsionar o mito da democracia racial, pode levar a reboque o colorismo – uma expressão do racismo que impôs uma escala de opressão, trazendo algumas vantagens a negros de pele mais clara, os denominados pardos, mas não os colocando em lugares tradicionalmente dominados por brancos. É uma estrutura criada para separar forças no combate e denúncia ao racismo. Gonzalez (2011) alerta que essa estratificação racial, criando hierarquias, beneficia apenas quem detém o poder hegemônico, ou seja, está a serviço de garantir a “superioridade dos brancos como grupo dominante” (GONZALEZ, 2011, p. 15).

Desse modo, as obras de Maxwell podem ser utilizadas para abrir espaço para o debate sobre esses temas e abordá-lo sob diferentes aspectos, de forma que os alunos reflitam sobre suas origens, suas experiências e tenham subsídios para se definirem, uma vez que “professora, qual a minha cor?” é uma pergunta corriqueira nas salas de aula.

Rufino (2021) afirma que “o chão da escola guarda e conta histórias que ventilaram esperanças que afugentam o assombro colonial” (RUFINO, 2021, p. 68) e é, portanto, do chão da escola, das experiências cotidianas, utilizando-se da arte e do que essa é capaz de mobilizar nos indivíduos, que se propõe desenvolver novas práticas pedagógicas decoloniais, questionando as raízes das desigualdades, do racismo, da intolerância, da hierarquização de saberes, possibilitando ruptura com a modernidade e não admitindo mais conviver com esta.

Ao buscar atender conteúdos emergentes, é importante que o professor tenha em mente que nem sempre o conteúdo que insurge das realidades dos alunos será um tema emancipador. À medida que somos frutos da colonialidade e vivenciamos suas permanências por meio do ser,

poder e saber, é importante ter a compreensão que os alunos também estão imersos na perspectiva colonial.

Desse modo, faz-se importante oportunizar que os estudantes tragam suas demandas para sala de aula. E que esses temas sejam dialogados, debatidos e lançados ao *status* de conteúdo, como os demais prescritos em currículo. Porém, deve ser feita a ressalva de que cabe ao professor compreender e estar preparado para possibilidade de ver emergir, como conteúdo, temas inseridos na lógica colonial. O que fazer então?

Não se deve renunciar à chance de desvelar a colonialidade presente, caso o que os alunos tragam como conteúdo emergente esteja entremeado pela razão colonial. Afinal, o pensamento decolonial vem justamente se propondo a identificar as marcas da colonialidade para, ao tomar conhecimento destas desvelá-las. Como indica Kilomba (2019), a “descolonização refere-se ao desfazer do colonialismo. Politicamente, o termo descreve a conquista da autonomia por parte daquelas/es que foram colonizadas/os e, portanto, envolve a realização da independência e da autonomia” (KILOMBA, 2019, p. 224).

3. CONHECENDO O ARTISTA: QUEM É MAXWELL ALEXANDRE?

Figura 1: Maxwell Alexandre



Fonte: Cortesia Megazord

Suas obras são autênticos retratos de sua trajetória de vida, refletindo a multiplicidade de experiências cotidianas dos moradores de favelas. A diversidade de temas é impressionante, abrangendo desde momentos de lazer e cultos religiosos até embates com o poder público.

Para MW, a arte é uma forma de transcendência, quase uma religião em si. Nessa perspectiva, ele fundou a Igreja do Reino da Arte juntamente a outros artistas, onde realiza peregrinações, oferece dízimos e considera cada obra que cria uma verdadeira oração.

Desse modo, o artista utiliza suas pinturas para lidar com traumas relacionados ao racismo, se aproximando da visão de Fanon (2020), que buscava uma tomada de consciência “de uma possibilidade de existir” (FANON, 2020, p. 114) ao compreender as estruturas sociais que criam tal trauma.

Os materiais que MW usa para confeccionar suas pinturas são igualmente representativos de seu cotidiano: papel pardo das sobras do curso de Moda da PUC-Rio, henê e graxa que usava para engraxar o coturno. Cada elemento é escolhido para refletir e expressar a realidade singular da vida nas favelas, fazendo de suas obras um testemunho poderoso e pessoal (ALEXANDRE, 2020; ALEXANDRE, 2021; CANAL ARTE 1, 2021; GRILO, 2023; LUIZA KARMAN, 2019; MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND, 2021; MUSEU DE ARTE DO RIO, 2020).

Assinando como MW, Maxwell Alexandre é atualmente um dos artistas plásticos brasileiros de maior destaque tanto no cenário nacional quanto internacional. Suas obras já brilharam em galerias espalhadas pelo Brasil, África e Europa. Cria da Rocinha, cresceu em uma família evangélica, estudou em escolas públicas e teve uma infância/juventude eclética – foi patinador profissional de *street*, serviu o Exército Brasileiro e concluiu graduação em Design na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

4. O QUE MW PROPÕE?

Em 2017, Maxwell Alexandre confeccionou três autorretratos em papel pardo, reutilizando resíduos do curso de Moda da PUC. Foi uma experiência reveladora, já que constatou que suas pinturas, além de carregarem incontestável valor estético, ostentavam forte teor político, associado ao próprio material usado, o papel pardo, que carrega significados profundos na história brasileira e na biografia do artista, sendo historicamente utilizado para embranquecer negros e velar a negritude.

MW passa então a recusar a classificação “pardo” ao se declarar preto e afirmar que “pardo é papel”, adotando uma postura de enaltecimento da negritude, do orgulho negro e da valorização da estética negra, se tonando um manifesto de valorização e celebração da negritude, do orgulho negro e a estética afro-brasileira.

Com *Pardo é papel*, Maxwell Alexandre, ao contrário do que se possa deduzir inicialmente, não está negando a existência de pessoas pardas. Sua obra faz importantes contribuições na denúncia ao racismo cotidiano, à exclusão social e violência institucional delegada a pessoas negras. Busca também evidenciar o mito da democracia racial como um silenciador de possíveis embates e conflitos raciais em nossa sociedade.

Essa postura se manifesta em sua obra, na qual geralmente representa corpos negros de variados tons de pele, retratados em cenas cotidianas e corriqueiras. Nessas cenas, alguns estereótipos são assumidos e revertidos, como o cabelo descolorido, comumente associado a quem vive à margem da sociedade, ganhando, em suas telas, conotação de poder.

As personagens em sua arte são inspiradas por uma variedade de fontes, desde fotos de família do artista até clipes musicais, imagens de celebridades e anúncios publicitários. São imagens facilmente reconhecíveis e referenciáveis, mas apresentadas com um toque especial de MW: postura de ostentação, autoestima, audácia, marra, provocação e reivindicação de direitos. Essa é a visão de MW do mundo, e é uma visão que ele nos convida a compartilhar com nossos alunos (ALEXANDRE, 2020; ALEXANDRE, 2021; CANAL ARTE 1, 2021; GRILO, 2023; LUIZA KARMAN, 2019; MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND, 2021; MUSEU DE ARTE DO RIO, 2020).

Figura 2: Glossário MW

5. GLOSSÁRIO MAXWELL ALEXANDRE



A Noiva/Igreja do Reino da Arte: Maxwell foi criado em uma família evangélica e conviveu desde a infância com elementos relacionados a ritos religiosos. Com a produção artística, MW encontra uma nova forma de transcender e entrar em contato com o sagrado. Por isso, afirma que suas obras são orações e oferece dízimos artísticos frequentemente. “A Noiva” e/ou a “Igreja do Reino a Arte” foram fundadas por ele e um coletivo de artistas que mantem cultos, peregrinações e batismos artísticos.

Bandeiras e emblemas do estado e da cidade do Rio de Janeiro: são presenças constantes nas obras de MW. As aparições relativas ao estado do Rio de Janeiro estão mais diretamente relacionadas com a presença policial. Por isso, é possível identificar uniformes de policiais, carros da PMERJ, UPPs (Unidade de Polícia Pacificadora), bandeira do Estado do Rio de Janeiro, entre outros. Já elementos que trazem referências ao poder público municipal são os uniformes de alunos da rede municipal de educação, espaços de escolas públicas, como refeitórios e golfinhos, que são um dos emblemas presentes na bandeira da cidade do Rio de Janeiro.

Batizados: são recorrentes na obra de Maxwell cenas de batizados e estão relacionados à perspectiva do artista que enxerga na Arte a sua salvação. São referências ao batismo no Reino da Arte, evento promovido pelo artista para quem aceitou e foi salvo pela Arte.



Cabelos loiros/descoloridos: o cabelo descolorido é uma autorreferência, uma vez que MW pinta os cabelos desde a adolescência. É também uma forma de desmistificar o cabelo descolorido muito comum nas favelas, com a intenção de subverter a noção de marginalização, colocando figuras com cabelos descoloridos nas mais variadas posturas de poder. Por isso, todas as personagens de MW, além de serem negras, possuem cabelos descoloridos.



Danone/Dino: essa designação refere-se a uma categoria artística criada pelo artista, originada de suas próprias experiências de infância. Os produtos alimentícios mencionados, associados ao consumo infantil, simbolizam o desejo de consumo na infância, muitas vezes não satisfeito. Esta representação provocativa destaca a disparidade entre a possibilidade de consumo para algumas crianças e a escassez para outras, estabelecendo categorizações de pobreza mesmo entre aqueles que compartilham a condição de moradores de favelas (OLIVEIRA e LOBO, 2020). Em geral, esses elementos aparecem como manifestações de ostentação, representando excesso em contraposição à escassez. Além do simbolismo associado ao Danone, há também a presença do personagem Dino, explorado pela multinacional. Tanto o Dino quanto o Danone, apesar de suas conotações inicialmente relacionadas à infância, adquirem novos significados; por exemplo, o Danone é retratado em cenas de tortura, evocando a imagem de sangue. O Dino, por sua vez, é representado sendo servido na Santa Ceia, utilizado como merenda em refeitórios escolares ou devorado cru por crianças.

Descoloramento global: evento-ritual que o artista promove para fazer descoloração de cabelos em transeuntes. Já tiveram edições do descoloramento global na Rocinha e no MAR (Museu de Arte do Rio). Nesses eventos também há disponibilização de piscinas de plástico para o lazer.

Dízimo: ritual no qual o artista simbolicamente oferta/apresenta 10 por cento de sua produção em algum altar (espaço). É um dos rituais praticados nos cultos da A Noiva ou Igreja do Reino da Arte.

Lúdico: MW traz vários traços de sua infância em suas obras. O olhar apurado possibilitará identificar personagens de desenhos animados, programas infantis e brinquedos. Há também muitas cenas inspiradas em fotos da sua infância, nas quais o artista reproduz momentos brincando ou fantasiado em datas comemorativas.



Toddy: assim como o Danone, o Toddy é uma presença constante nas pinturas do artista. Remete à ânsia de consumo durante a infância, muitas vezes frustrada. Esses elementos aparecem, portanto, em sua obra como uma sublimação dessa carência, adquirindo forma de ostentação e excesso.



Tonalidades: todas as personagens de Maxwell Alexandre são negras, mas com tonalidades diferentes. As únicas telas onde aparecem pessoas brancas são “E para salvar o país, Cristo é um ex-militar” I e II. [1]

1

¹ Enquanto essa pesquisa era finalizada, MW lançou a série “Clube”, não qual são representadas apenas pessoas brancas.

6. PRINCIPAIS OBRAS E SÉRIES DE MW

Em sua trajetória como artista profissional, MW já expôs suas obras em diferentes museus e galerias pelo mundo, inclusive, individualmente. Sua enorme projeção no meio artístico se dá pela potência estética de suas pinturas que assinalam críticas, denúncias, humor e sátira às situações cotidianas e contemporâneas. Em suas obras, as referências presentes vão de cliques musicais a marcas de alimentos consumidos por crianças, fazendo com que o público rapidamente se identifique com suas criações.

Ao observar suas criações percebe-se a pretensão de manipular e de subverter marcas e símbolos de poder na favela como: as bandeiras da cidade e do estado do Rio de Janeiro, os emblemas da Secretaria Municipal de Educação e da Polícia Militar e logotipos de marcas famosas. Vale ressaltar que as populares piscinas de plásticos, símbolos de *status* nos lares das regiões periféricas, nas favelas e nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro, estão presentes em suas obras como pano de fundo ou cenário.

A seguir serão apresentadas suas séries e principais obras. Esclarece-se que houve uma seleção das obras, no sentido de elencar as que teriam maiores possibilidades de abordagens e usos pedagógicos. Para ter acesso a mais obras do artista, recomenda-se acessar o site oficial e catálogos disponibilizados na internet.²

6.1 Série: *Reprovados*

Sua primeira obra de grande destaque no cenário artístico pertence à série *Reprovados*, intitulada “Tão saudável quanto um carinho”, exibida na galeria Fortes D’Aloia & Gabriel, na exposição *Carpintaria para todos*, voltada para a promoção de jovens artistas. Essa obra é de grande impacto e tem teor ácido, trazendo as vivências pretas em situação de violência, conflitos, reflexo da falência do sistema público de educação, de segurança e social.

² Site oficial: <https://www.maxwellalexandre.faith/>

Catálogo Iberê Camargo, Pardo é papel: http://iberecamargo.org.br/wp-content/uploads/2021/09/catalogo_maxwell-alexandre-pardo-e-papel.pdf

Catálogo MAR, Pardo é papel: <https://museudeartedorio.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Cat%C3%A1logo-digital-Pardo-%C3%A9-Papel-1.pdf>

Prêmio Pipa <https://www.premiopipa.com/maxwell-alexandre/>

A série *Reprovados* recebe esse nome, pois representa aqueles que comumente são reprovados pela sociedade, vistos como possíveis fracassos, por isso, a escolha em utilizar o uniforme de estudantes do município do Rio de Janeiro.

Figura 3: Maxwell Alexandre, “Tão saudável quanto um carinho”, Série *Reprovados*, 2017.



Fonte: Cortesia Megazord

6.2 Série *Pardo é papel*

Concomitante à série *Reprovados*, MW desenvolve a série *Pardo é Papel*, em que segue a tendência de obras em proporções monumentais, mas com o intuito de falar de bonanças nas vidas pretas, por isso, nessa série são retratados corpos pretos em empoderamento, “marra”, atitude, conquistas, consumo e ostentação. Apesar de serem séries distintas, já ficam evidentes traços e símbolos característicos do artista, que vão se tornando suas marcas, como as crianças uniformizadas, mas já numa postura diferente da série anterior.

Essa série apresenta, inicialmente, muitas correspondências com o rap. Maxwell decide, por meio de pinturas, dar suas interpretações a músicas. O artista toma essa decisão por compreender que a música, em especial, o rap acessa camadas da sociedade que as artes plásticas não atingem. Também por compreender que, apesar de linguagens artísticas distintas, são mensagens próximas ao que o artista deseja abordar. E, finalmente, é uma forma de colocar artistas periféricos como Djonga, Baco Exu do Blues, BK, entre outros, como referências

intelectuais para sua produção artística. Rompendo, assim, com a noção de arte eurocentrada, ao trazer o Sul Global pensado por intelectuais do Sul Global.

Seguem a seguir algumas obras da série *Pardo é papel*, juntamente com trechos dos raps que serviram de inspiração ao artista. Muitas letras desses raps contêm letras com palavrões, vale ressaltar que se o professor decidir apresentar a tela com a música inspiração, para evitar contratempos, pode ser feita uma seleção de trechos que considere pertinentes para a discussão da tela.

Figura 4: Maxwell Alexandre, “Éramos as cinzas e agora somos o fogo”, Série *Pardo é papel*, 2018.



Fonte: Cortesia Megazord

Quadros B.K. (Nectar)

[...] A falta do básico

Nos fez querer ter mais que o necessário

Salário baixo e sonhos de um milionário

Meu desejo virou meu adversário

Castelos imaginários, personagens e cenários

Navegar sem naufragar por esses mares

Na executiva o sorriso da comissária

Viver pouco como um rei ou muito como um zé?

Essa eu ainda não sei responder

O porco com a lei e eu seguindo na fé

De que ele nunca vai me prender

Nunca vou me submeter

Nunca vão me deter

Éramos as cinzas e agora somos o fogo

E não há nada que eu não possa fazer

Eles fingem não escutar

Mas agora eles vão ver

Fizemos o inferno subir

Fizemos o céu descer [...]

Essa obra de grande impacto visual é rica em referências a artistas como Nina Simone, Basquiat e James Brown. Associa a imponência do manto de Bispo do Rosário às becas de universitários negros, há ainda referência a cena do filme *Cristo Rey*, além da presença de figuras maternas, religião de matriz africana, lazer no baile e confronto com a polícia.

“Éramos as cinzas e agora somos o fogo” se tornou peça do MASP e, devido a obstáculos para empréstimo, MW confeccionou uma nova obra de mesmo título com o acréscimo do termo *diss*, expressão comum no meio do rap, em alusão à palavra desrespeito. A nova obra é diferente da primeira, porém mantém a atmosfera, foi elaborada para a exposição no MAR (Museu de Arte do Rio).

Figura 5: Maxwell Alexandre, *Éramos as cinzas e agora somos o fogo (diss)*, Série *Pardo é papel*, 2019.



Fonte: Cortesia Megazord

Nessa releitura, MW traz o elemento fogo representando a tragédia do incêndio do Museu Nacional, reflexo tanto de descaso político quanto projeto de país sem memória. Está também representado o MASP, Museu de Arte de São Paulo, onde MW expôs sua primeira versão de “Éramos as cinzas e agora somos o fogo”, que o projetou na carreira de forma contundente. Há ainda a presença da vereadora Marielle Franco e da menina Ágatha Félix,

ambas assassinadas no Rio de Janeiro, uma vítima de assassinato político, e outra vítima da política de segurança pública vigente no estado, que vem ceifando vidas inocentes há décadas.

Há a recorrente presença de universitários e crianças com o uniforme do município, MW e BK sob o manto de Bispo do Rosário, além de cenas cotidianas como uma pessoa cortando o cabelo da outra, embates com a polícia e um batismo, referência aos batismos na Igreja do Reino da Arte, promovidos por MW com outros artistas. A obra possui inúmeras referências, e o interessante é que quem a observa descobre novas referências e dá as suas próprias interpretações.

São peças que impactam os estudantes ao conseguirem identificar cenas de clipes e artistas que admiram. A cena de jovens uniformizados virando o carro da polícia possibilita diálogos que buscam a reflexão do que motivou essa representação nas obras. As figuras religiosas, as becas dos universitários e os cabelos descoloridos costumam trazer imediata identificação dos estudantes.

Figura 6: Maxwell Alexandre, “Só quando tu tá com as folhas, geral gosta de salada”,
Série *Pardo é papel*, 2018.



Fonte: Cortesia Megazord

SEM OS VERME PARA SECAR – Pirâmide Perdida

[...] São vidas descartáveis

Eu já sei bem o que uns quer de mim (então deixa livre)

É, e sendo assim só vou levar o pior

Vitoria é exceção e a regra que de onde eu vim

Só sobrevive o melhor

Em cada dor, choro, página, agonia virou lágrima

Só quem me viu chorar foi minha família [...]

Nessa tela, as marcas de piscinas de plástico permanecem, mas ganham a cor dourada num fundo verde. A proposta é mostrar o acesso a produtos de marca, ostentação, negros como consumidores, fazendo uso de símbolos de poder e vaidade. Tais como: celulares de última geração, roupas de grife (que se confundem com logos de uniformes da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro), carros de luxo, jatinhos, ouro e Toddy.

É uma obra que desperta muito interesse quando apresentada aos alunos. Nela os alunos conseguem identificar referências a marcas de luxo. Comemoram a presença de uniformes da rede municipal sendo usados como roupas de grife. E fazem uma intensa associação a situações de inveja, tema que pode ser debatido e explorado.

Figura 7: Maxwell Alexandre, “E para salvar o país, Cristo é um ex-militar”, Série *Pardo é papel*, 2018.



Fonte: Cortesia Megazord

pesada pode levar a reflexão, junto aos alunos, sobre a violência que alguns espaços estão suscetíveis e o quanto algumas crianças estão expostas a situações de violência a depender de sua classe social, seu endereço e/ou cor de pele.

Em “E para salvar o país, Cristo é um ex-militar I e II”, o fundo de piscina dá lugar aos golfinhos, um dos símbolos da cidade do Rio de Janeiro, presente, inclusive, na bandeira da cidade e nos uniformes da rede municipal de educação.

A segunda versão dessa obra é a única com presença de pessoas de peles brancas. Estas interagem com as forças de segurança, indicando um claro contraste com o significado dessas forças por quem mora em favelas e é negro.

Apesar de remeter ao período da Copa e das Olimpíadas realizadas no Brasil, a referência não evoca memória nos alunos mais jovens. Uma vez que eles não vivenciaram as manifestações da época. No entanto, ao serem explicados sobre a interação diferenciada com as forças de segurança entre os frequentadores dos estádios e as operações e ocupações em favelas, os alunos tendem a compreender. E fazem associações a momentos e situações mais próximos de suas realidades.

Figura 9: Maxwell Alexandre, “Não foi pedindo licença que chegamos até aqui”, Série *Pardo é papel*, 2018.



Fonte: Cortesia Megazord

ABRE CAMINHO – Baco Exu do Blues

Ih, que que eu tô fazendo aqui

Mais de 7 dias se dormir

Da lama ao caos, Nação Zumbi

Não foi pedindo licença que cheguei até aqui

[...]

Não entra no mar sem pedir pra Iemanjá

Desrespeite a fé dos pretos, saiba por que eu

Sou Exu

Meus irmãos são mundos vi vários rodar

Rezo para que a morte me esqueça

Penso em minha mãe sempre que tentam me matar

Por isso a coroa nunca sai da minha cabeça

Oldisgraça está em todos os cantos

Somos reis e rainhas [...]

Essa obra possibilita uma boa discussão sobre religiosidade e as formas como Jesus Cristo e os apóstolos costumam ser representados, uma chance de refletir sobre a construção imagética no imaginário coletivo.

Figura 10: Maxwell Alexandre, “Cabeça de papel”, Série *Pardo é papel*, 2018.



Fonte: Cortesia Megazord

Crianças uniformizadas e com elementos típicos de datas comemorativas como “Dia do Índio” e “Dia do Soldado”, ao fundo, os golfinhos do emblema da cidade do Rio de Janeiro. Em uma referência a crianças saindo das escolas fantasiados em datas comemorativas, a tela cria rápida identificação com os alunos. Possibilita dialogar sobre as datas comemorativas e o questionamento a sair “fantasiado de índio” da escola, sobre as representações habituais e os estereótipos construídos dos indígenas.

Figura 11: Maxwell Alexandre, “Merenda”, Série *Pardo é papel*, 2018.



Fonte: Cortesia Megazord

Pouco comum nas telas de Maxwell, essa obra possui um cenário que é um refeitório de escola pública. No cardápio, Dino da Danone. Ao fundo, um Dino em cativeiro para ser abatido e matar a fome dos alunos. Na aplicação da oficina na pesquisa, os alunos ficaram muito instigados com o Dino sendo servido, e partiu deles um diálogo sobre o consumo de carne.

Figura 12: Maxwell Alexandre, “Pisando no céu”, Série *Pardo é papel*, 2020.



Fonte: Cortesia Megazord

Pisando no céu traz uma enorme vitrine cheia de Barbies sendo visualizada por uma menina. As Barbies, apesar de estarem fazendo a mesma pose, são diferentes, pois apresentam diferentes tons de pele. Essa tela provoca reações, em especial em alunas meninas, que demonstram o desejo de ter uma boneca que fosse mais próxima a suas características físicas. A obra permite abordar questões relacionadas a consumo, consumismo, sociedade de mercado, miscigenação, invisibilidade de pessoas racializadas enquanto consumidores e de modelos estéticos, entre outros.

Figura 13: Maxwell Alexandre, “Cantos de Esquinas”, Série *Pardo é papel*, 2019.



Fonte: Cortesia Megazord

“Cantos de esquina” é uma obra gigantesca, por isso está dividida em duas partes neste material. Sua visualização em exposições é feita por inteiro. Uma obra homenagem a artistas negros, figuras de destaque e contribuições à sociedade.

É possível identificar Elza Soares, Michael Jackson (no período de Jackson 5), Cartola, MC Carol, Milton Nascimento, Djonga, Nina Simone, Jimi Hendrix, BK, Karol Conká, Beyonce, Jay-Z, Basquiat, Conceição Evaristo, Chadwick Boseman (como Pantera Negra), Marielle Franco, Antônio Obá, em meio autorreferências do artista ainda criança vestido de coelho da Páscoa, ou brincando de cavalinho.

A riqueza dessa obra impressiona tanto quem consegue identificar e descobrir referências, como quem é jovem e não possui repertório para perceber as homenagens presentes na tela. Em geral, os alunos ficam interessados, pois, ao identificar rappers e MCs na imagem, demonstram curiosidade para saber quem são os artistas que não conhecem, saber o que cantam ou fazem.

Figura 14: Maxwell Alexandre, “Crianças atrás de telas”, Série *Reprovados-Pardo é papel*, 2018.



Fonte: Cortesia Megazord

Crianças atrás das telas é uma arte criada por Maxwell Alexandre como capa do álbum *Gigantes*, de BK. Consiste em crianças gigantes brincando entre elementos da cidade do Rio de Janeiro, como Arcos da Lapa, Fundação Progresso, Catedral de São Sebastião do Rio de Janeiro, Central do Brasil, Igreja da Candelária, Morro da Providência, Teatro Municipal, entre outros. Ao fundo, o característico papel pardo. As crianças brincam de carrinho com ambulâncias, carros da polícia e Caveirão.

Na aplicação da oficina, alguns alunos conseguiram apontar locais da cidade que já visitaram. A discussão ficou por conta do título da obra “Crianças atrás de telas”, ao ponderarem sobre o menor acesso à rua como espaço para brincar, o que vem sendo substituído por telas de celulares.

Figura 15: Maxwell Alexandre, “Megazord só de Power Ranger preto”, Série *Pardo é papel*, 2019.



Fonte: Cortesia Megazord

“Megazord só de Power Ranger Preto” é uma obra constituída por vários fragmentos tal qual um Megazord. Traz muitos elementos lúdicos da infância de Maxwell Alexandre, como Dino, Power Rangers, Lanterna Verde, Saci, brinquedos e brincadeira, além de Pantera Negra. As personagens são todas negras, mesmo que a referência não fosse negra.

A marcante presença de personagens de programas infantis e super-heróis prende a atenção dos alunos que buscam descobrir novas personagens na tela. A discussão sobre as motivações do artista em reproduzir todas as personagens como pessoas negras é bastante produtiva.

Figura 16: Maxwell Alexandre, “Sem título”, Série *Pardo é papel*, 2019.



Fonte: Cortesia Megazord

Apesar de a obra ser sem título, em sala de aula ela passa a ser chamada de “Coisa mais linda”. É uma reprodução da capa da série *Coisa mais linda*, com as cores das personagens invertidas. Uma provocação quanto à já conquistada representatividade, mas que muitas vezes se restringe a uma personagem.

Os alunos de Ensino Fundamental, em geral, não conhecem a série. Por isso, ao apresentar a obra de MW, também foi apresentada a capa original na série. Foi possível construir um diálogo interessante sobre essa provocação e as percepções dos alunos sobre o tema.

6.3 Série *Novo Poder*

A série *Novo Poder* é derivada de *Pardo é papel*, mantém a utilização de papel pardo como base, mas intenciona mostrar negros em locais de consumo e contemplação da arte, em locais onde classes populares não costumam frequentar, as galerias e os museus. MW abre espaço para discussão sobre a elitização do acesso à Arte e um convite à comunidade negra a se apropriar da linguagem artística, pois está associada ao poder, neste caso, ao poder intelectual. Aqui foram selecionadas apenas duas obras dessa série, porém, é uma série vasta, com muitas telas. Algumas produções são apenas molduras,

para que, ao observar, o próprio observador constitua a obra. Novamente, há uma incitação a quem vê: refletir porque geralmente quem consome e quem é representado nas artes não é negro.

Figura 17: Maxwell Alexandre, “Sem título I”, Série *Novo Poder*, Série *Pardo é papel*, 2019.



Fonte: Cortesia Megazord

Figura 18: Maxwell Alexandre, “Sem título II”, Série *Novo Poder*, Série *Pardo é papel*, 2019.



Fonte: Cortesia Megazord

6.4 Série *Entrega*

Nesta série, MW adota a técnica da pintura a óleo sobre tela para representar crianças e adultos vestindo uniformes municipais do Rio de Janeiro, seja em bicicletas ou a pé, portando mochilas características de entregadores de aplicativos. Essa representação visa refletir sobre a precarização das relações de trabalho, além de abordar os estigmas e os tipos de trabalho destinados à população de baixa renda.

Oferece vastas oportunidades para o desenvolvimento de atividades pedagógicas, explorando um tema denso, porém intimamente ligado à realidade dos alunos de escolas públicas. Possibilita a discussão de questões que vão desde a qualidade da educação até a flexibilização das leis trabalhistas e a segurança do trabalhador. Além disso, promove a reflexão sobre as expectativas e preconceitos sociais em relação aos filhos das classes populares. Constitui-se, assim, um convite à subversão dessa lógica estigmatizadora.

Figuras 19, 20 e 21: Maxwell Alexandre, “One planet, one health”, Série *Entrega*, 2022.



Fonte: Cortesia Megazord

6.5 Série *Novo Poder – Passabilidade*

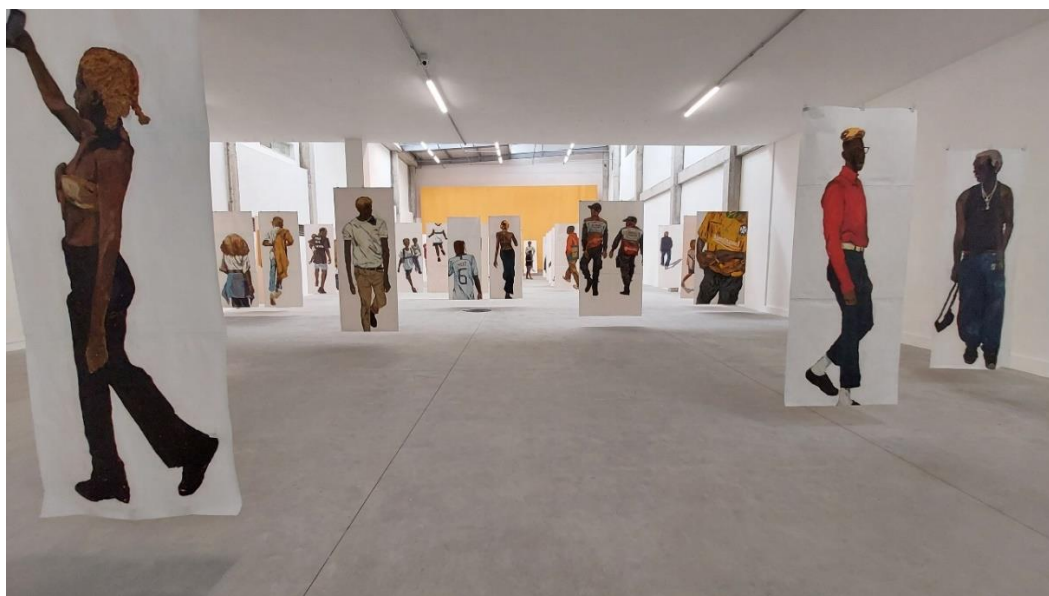
Nesta série, MW retorna ao uso do papel pardo em produções de escala de mural. As obras da coleção *Passabilidade* foram expostas em 2023 no Primeiro Pavilhão Maxwell Alexandre, localizado temporariamente no bairro de São Cristóvão. Desenhadas

em papel pardo com fundo branco, retratam individualmente pessoas negras que parecem transitar no espaço de forma estilosas, descoladas, elegantes e bem-vestidas, proporcionando a sensação de estar em um desfile de moda.

A série estabelece um cruzamento entre moda e arte contemporânea, campos típicos da cultura hegemônica, mas que, segundo a perspectiva de MW, podem servir como plataforma para promover empoderamento, dignidade e autoestima. Além do papel pardo, é possível identificar rubricas características do artista como o manto de Bispo do Rosário, Djonga, crianças vestindo uniformes municipais e mochilas de entregadores de aplicativos.

Os uniformes assumem uma conotação de roupas de grife, conferindo aos seus portadores uma imagem de bem-vestidos, bem-sucedidos, com poder e recursos financeiros. O título *Passabilidade* representa mais uma provocação do artista. Nesse caso, relacionada ao uso de roupas e acessórios caros, que conferem certa passabilidade social, pois quem tem acesso a esses símbolos de poder tende a ser mais aceito pela sociedade.

Figura 22: Maxwell Alexandre, *Novo Poder – Passabilidade*, exposição no Pavilhão Maxwell Alexandre, São Cristóvão, 2023.



Fonte: A autora

Figuras 23, 24 e 25: Maxwell Alexandre, *Novo Poder – Passabilidade*, exposição no Pavilhão Maxwell Alexandre, São Cristóvão, 2023.



Fonte: a autora

Figuras 26, 27 e 28: Maxwell Alexandre, *Novo Poder – Passabilidade*, exposição no Pavilhão Maxwell Alexandre, São Cristóvão, 2023.



Fonte: A autora

7. DICAS DE CONCEITOS PERTINENTES

Ao incorporar a obra de Maxwell Alexandre no contexto pedagógico, seja como uma atividade associada a um conteúdo curricular específico ou a eventos pedagógicos mais amplos, é crucial que o professor adote uma postura de escuta atenta e cuidadosa. Conflitos e temas desafiadores podem surgir, demandando do professor conhecimento e habilidade para abordá-los.

Nesse sentido, apresentam-se dicas relacionadas a conceitos considerados fundamentais. Essas orientações visam capacitar os professores não apenas para conduzir as atividades propostas, mas também para integrá-las de maneira eficaz em suas práticas pedagógicas cotidianas.

7.1 Interseccionalidade

Professor(a), possivelmente suas aulas são atravessadas por conteúdos emergentes reivindicados por seus alunos e alunas. Ao utilizar as obras de MW em sala de aula, inteire-se do conceito de interseccionalidade como forma de leitura do cotidiano escolar, dos conflitos e dos conteúdos emergentes trazidos pelos alunos. A interseccionalidade é um conceito defendido por Crenshaw (2002) e Gonzalez (2011), que enxergam as diferentes camadas identitárias que cruzam indivíduos. As autoras partem, em especial, das categorias de classe, raça e sexo-gênero, para interpretar as questões cotidianas.

Compreende-se que não existe uma escala de opressão. Mas a depender das vias identitárias uma pessoa poderá estar mais ou menos exposta a exclusões. A interseccionalidade, portanto, não é um conceito ou tema a ser ensinado aos alunos. Mas uma chave para sua leitura de situações que se apresentem em sala de aula.

7.2 Colorismo

O colorismo emerge como um tema frequente e nos debates educacionais contemporâneos, especialmente nas salas de aula. As obras do artista MW oferecem uma oportunidade significativa para introduzir esse conceito aos alunos e fomentar discussões enriquecedoras. Nesse contexto, é fundamental compreender e abordar o colorismo, um elemento intrínseco ao racismo, destacando sua consequência no cenário brasileiro.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, a população considerada negra compreende a soma de pretos e pardos, correspondendo a expressivos 55,5% do total. No Censo demográfico de 2022, foi constatado que 45,3% da população brasileira se autodeclara parda e 10,2% se autodeclararam preta (IBGE, 2023).

O debate sobre o colorismo deve partir de suas raízes: a colonialidade, a miscigenação da população brasileira e o mito da democracia racial. Uma vez que o colorismo, como componente do racismo, resulta da intensa miscigenação no país, conferindo certos privilégios aos pardos em relação aos pretos. Entretanto, mesmo com certos privilégios, pardos são vistos como não brancos e sofrem exclusões.

É crucial compreender que o colorismo, ao proporcionar algum privilégio aos pardos, cria um campo de disputa, funcionando como uma estratégia para enfraquecer a luta contra o racismo. Em sua obra, MW aponta que o termo “pardo” é utilizado para embranquecer negros e nega essa terminologia, ao afirmar que pardo é papel. Como já mencionado anteriormente, Maxwell Alexandre se utiliza da arte para denunciar o mito da democracia racial, e não necessariamente negar a existência de pessoas pardas. Desse modo, professor, não deixe de explorar também a questão do mito da democracia racial.

As autoras Akotirene e Devulsky alertam para os riscos da autodeclaração de pardos como pretos. Tal atitude, segundo elas, pode gerar informações imprecisas nos indicadores sociais e demográficos, contribuindo para o enfraquecimento das políticas públicas. Elas argumentam que deixar o “lugar” de pardo em aberto possibilita a apropriação dessa categoria por indivíduos não negros, que passam a reivindicar acesso a cotas raciais, por exemplo.

Diante desse contexto, é imperativo que os professores de educação básica estejam cientes dessas características do colorismo, capacitando-se para abordar esse tema sensível de maneira eficaz em sala de aula. A compreensão desses conceitos contribui não apenas para enriquecer o debate sobre as complexidades raciais, mas também para promover um ambiente educacional mais inclusivo e consciente.

8. TEMAS CONTEMPLADOS

De acordo com o que aqui foi exposto, é possível perceber o quanto a obra de MW é potente e permite a abordagem dos mais diferentes temas, seja como material didático ou como material para um projeto pedagógico de maiores dimensões. Dentre os conteúdos possíveis de serem abordados e desenvolvidos com base nas obras do artista estão conteúdos formais, prescritos nos currículos oficiais e também os conteúdos emergentes que surgem por demandas e vivências cotidianas dos alunos: racismo, processo de urbanização no Brasil, favelização, êxodo rural, migrações, desigualdades socioeconômicas, violência urbana, segregação social e espacial, mundo do trabalho na contemporaneidade – a precarização do trabalho, o poder hegemônico nas artes, religiosidades, o papel da arte no cotidiano, sociedade brasileira, reflexões sobre como as classes populares são representadas nas grandes mídias, sociedade de consumo, cultura do funk e do hip-hop...

Não há aqui intenção de esgotamento dos conteúdos e temas que surgem com base na experiência estética com as obras de MW, pois cada escola, dentro de sua realidade, seu microcosmo cotidiano, poderá construir múltiplas abordagens com base nos subsídios desse material.

9. SUGESTÕES DE ATIVIDADE PARA UTILIZAR AS OBRAS DE MAXWELL ALEXANDRE

A seguir, apresenta-se um roteiro de como implementar uma oficina pedagógica utilizando as obras do artista Maxwell Alexandre. Nela constam algumas sugestões de ações e atividades, mas podem e devem ocorrer adaptações a partir da realidade e experiência cotidiana do professor.

Indica-se que o professor que decidir utilizar as obras tenha sempre uma escuta atenta e busque que os alunos tragam suas opiniões, impressões, de modo que emerjam conteúdos a partir do olhar dos alunos. O ideal é que as falas dos alunos sejam utilizadas como contribuições e sejam dialogadas.

Além da esquematização de atividades em oficina pedagógica, estão apontadas algumas outras sugestões de atividades com as obras. Aponta-se que, como a professora-pesquisadora que elaborou o material é professora de Geografia, boa parte das indicações estão mais associadas ao olhar dessa disciplina.

9.1 Oficina pedagógica

Etapa 1: apresentar o artista com a exibição de vídeos no YouTube, nos quais o artista fala sobre sua biografia e obra. Seguem algumas sugestões:

<https://www.youtube.com/watch?v=FMtyVIOVUwg>

<https://www.youtube.com/watch?v=1iPf3DAbEwk&t=54s>

Foque não apenas na arte, mas também no contexto social, econômico e geográfico do artista de modo a levar os alunos à reflexão sobre como seu contexto e cotidiano influenciaram sua arte.

Para apresentar as imagens do artista, o ideal é utilizar um projetor para que as imagens sejam reproduzidas na parede ou no quadro, uma vez que as telas são de dimensões gigantescas e possuem muitos detalhes e referências. É recomendado também que se recorte as imagens, como se estivesse dando um *zoom*, apresentando primeiro o todo e depois a mesma tela em partes.

Exibir as imagens das obras de arte de MW, de acordo com o objetivo, podendo focar apenas em uma única obra, uma única série, ou abranger um número maior de obras.

Na experiência com base na pesquisa da professora, que expôs todas as obras aqui indicadas, em três dias diferentes, ocorreu a perda de foco e de interesse em alguns alunos. Por isso, por mais que se tenha vontade de apresentar a totalidade, recomenda-se que seja feita uma seleção.

Ao exibir obras da série *Pardo é Papel* que recebem nomes de músicas de rap, disponibilizar a letra da música ou parte dela. Vale reforçar que muitas letras possuem conteúdos explícitos e palavras de baixo calão, não adequadas para o ambiente escolar. Dessa forma, há a sugestão de uma seleção prévia de trechos que sejam pertinentes à temática que se deseja abordar.

Mesmo que as obras de MW tenham como rubricas as bandeiras e os símbolos oficiais da cidade e do estado do Rio de Janeiro, compreende-se que este não é um fator limitante para utilizar sua arte como recurso pedagógico. O educador que estiver em outras cidades e/ou estados, deve estimular os alunos a pensarem quais elementos e símbolos oficiais utilizaria em suas releituras.

Debater com a turma sobre suas impressões, percepções e quais referências encontraram nas telas.

Etapa 2: dividir a turma em pequenos grupos atribuindo para cada grupo uma obra específica de MW para que os alunos possam discutir os símbolos e significados presentes na obra estudada. Orientar que reflitam sobre como o que é representado se relaciona com a realidade socioeconômica do artista e dos próprios alunos. Solicitar que atentem com quais temas estudados as obras podem estar relacionadas.

Etapa 3: troca de impressões entre os grupos. Essa troca pode ser feita em forma de debate.

Etapa 4: material: papel pardo, tintas coloridas, pinceis. Inspirados pela trajetória e técnicas de MW, os alunos serão incentivados a produzir suas próprias versões em papel pardo, explorando suas próprias experiências e identidades. As produções podem ser feitas individualmente, em dupla, ou de forma coletiva, como os alunos se sentirem mais confortáveis em produzir.

Etapa 5: apresentação das produções para os colegas de turma, explicando o que se quis representar e quais foram as referências utilizadas (para além da obra de MW).

Exposição das produções na escola, de preferência em área instagramável, onde os alunos possam fotografar e interagir com as obras.

9.2 Segurança alimentar e nutricional

Etapa 1: apresente a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (Losan) (Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006), por “Segurança Alimentar e Nutricional – SAN entende-se a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis”.

Etapa 2: discuta cada trecho da Losan com os alunos, sempre contextualizando com a suas realidades. Aproveite e defina o que é um produto ultraprocessado e peça que os alunos indiquem o que mais consomem. Peça que a turma elenque o que seriam alimentos promotores de saúde.

Etapa 3: apresente telas de MW que contenham o Dino, o Danone, o Toddy e outros elementos relacionados à alimentação e que dominam o imaginário infantil. Utilize a/s tela/s para fomentar o debate com base em alguns questionamentos como os citados abaixo:

- Quais alimentos são mais baratos e acessíveis: os *in natura* ou os ultraprocessados?
- Quais alimentos são mais rápidos e práticos de consumir e que possuem sabor mais atraente?
- No seu bairro a disponibilidade de alimentos *in natura* e ultraprocessados nos mercados é equivalente, ou há predomínio de um tipo de alimento?
- Podemos relacionar o consumo de determinados alimentos a um racismo nutricional?

9.3 Precarização do trabalho

Ao utilizar obras da série *Entrega*, você, professor, pode desenvolver atividades relacionadas à precarização do trabalho, desenvolver os conceitos de terceirização, uberização, além de debater sobre reforma trabalhista e direitos dos trabalhadores. As

telas também possibilitam a reflexão sobre o papel que a sociedade designa aos trabalhadores oriundos das escolas públicas. Vale um debate sobre qualidade da educação, mas também sobre papéis de classe e racismo.

Sugestão atividade pós-apresentação das telas:

- Pesquise nos próprios aplicativos de bikes se existem totens de aluguel de bicicleta na sua cidade e/ou bairro. Caso positivo, mapeie a localidade onde existe a oferta desse serviço e associe com o IDH da localidade.

- Caso sua escola não esteja em bairro ou cidade onde possua totens de aluguel de bicicleta, mapear bairros ou cidades próximas que possuam. Busque promover a reflexão de quais seriam os parâmetros para que alguns lugares tenham esses totens e outros não.

- Refletir e listar com os alunos quais outras formas de precarização do trabalho perceptíveis em seus cotidianos.

9.4 Interpretação

Apresentar as obras iniciais de *Pardo é papel* relacionadas às músicas que as inspiraram é o ponto de partida. Após essa introdução, o professor tem a opção de compartilhar uma música que esteja alinhada com a temática que pretende explorar com a turma. Alternativamente, pode escolher uma música que esteja relacionada aos conceitos que surgiram a partir da apresentação das obras. Uma alternativa é permitir que os alunos escolham uma música que tenha conexão com o debate em questão e, em seguida, realizem desenhos em grupo ou individualmente para expressar suas interpretações das letras por meio de ilustrações.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste produto educacional almeja que os educadores que consultarem este material obtenham informações relevantes sobre as principais características da produção de Maxwell Alexandre, sentindo-se incentivados a incorporá-las como uma valiosa ferramenta pedagógica. Importante ressaltar que este produto educacional não é um guia rígido a ser seguido à risca, mas, sim, um produto flexível, passível de adaptações e ajustes conforme o contexto em que a obra de Maxwell Alexandre será apresentada.

Este material, portanto, não pretende esgotar as possibilidades de utilização das obras do artista. Maxwell Alexandre está em franca produtividade e constantemente cria telas, trazendo temas cotidianos e contemporâneos. Sendo uma fonte contínua de possibilidades de usos pedagógicos.

Espera-se que a utilização das obras do artista se torne uma alternativa para abordar conteúdos emergentes, viabilizando práticas pedagógicas alinhadas à perspectiva decolonial.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo, Editora Jandaíra, 2022.

ALEXANDRE, Maxwell. Entrevista: Ocupação finalista 2020: Maxwell Alexandre. <https://www.premiopipa.com/2020/10/ocupacao-finalistas-2020-maxwell-alexandre>. Entrevistador: Luiz Camillo Osorio. Pipa, a janela para a arte contemporânea brasileira. Outubro, 2020.

ALEXANDRE, Maxwell. Maxwell Alexandre: Pardo é papel / Maxwell Alexandre [et. al]; Organização: Instituto Inclusartiz. Rio de Janeiro: Instituto Inclusartiz: Instituto Odeon, 2020, 128 p.

ALEXANDRE, Maxwell. Pardo é papel/Maxwell Alexandre; organização Instituto Inclusartiz. – 1 ed. – São Paulo: Intituto Tomie Ohtake, 2021.

ALVES, Nilda; MACEDO, Elizabeth; OLIVEIRA; Inês. B. D., & MANHÃES, Luiz C. **Criar currículo no cotidiano**. Cortez Editora, 2002.

CANAL ARTE 1. MAXWELL ALEXANDRE: “PARDO É PAPEL” retrata a AUTOESTIMA PRETA/Arte 1 Minuto. Youtube, 16/06/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zngt1IZgNSk>. Acesso em: 20/04/2023.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de pesquisa**, v. 46, p. 802-820, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. Editora Jandaíra, 2021.

DOS SANTOS, Ynaê Lopes. **Racismo brasileiro: uma história da formação do país**. Todavia, 2022.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação**. EdUERJ, 2018.

FULY, Tatiana. *Que história você quer contar? Caminhos para uma educação decolonial* – 1. Ed. – Curitiba: Appris, 2022.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: autêntica**, p. 223-246, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. In Caderno de formação política do círculo palmarino, n 1. Batalha de Ideias, Brasil, 2011.

GRILO, Nathalia. 1º Pavilhão Maxwell Alexandre Novo Poder: passabilidade. Rio de Janeiro, 2023, 2 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. **Censo Demográfico 2022: população e domicílios: primeiros resultados/IBGE, Coordenação Técnica do Censo Demográfico**. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2019.

LUIZA KARMAN. Entrevista com Maxwell Alexandre / parte 1. Youtube, 08/01/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=21cBf0W1RGQ&t=5s>. Acesso em: 20/04/2023

MELO, Alessandro de; RIBEIRO, Débora. Eurocentrismo e currículo: apontamentos para uma construção curricular não eurocêntrica e decolonial. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.17, n.4, p.1781-1807 out./dez. 2019.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND. Obra/ Éramos as cinzas e agora somos o fogo, de Maxwell Alexandre. Youtube, 14/04/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FMtyVIOVUwg>. Acesso em: 20/04/2023.

MUSEU DE ARTE DO RIO. Mini-docs “Pardo é Papel”. Youtube, 13/11/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F3HcZhuTCcE>. Acesso em: 20/04/2023.

OLIVEIRA, Renata Rocha de; LOBO, Thamy. Bricolagens artísticas: contradições e (in) conformidades na arte e na educação carioca. **Revista Teias**, v. 21, n. 63, p. 309-323, 2020.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização**. Mórula Editorial, 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez, p. 29-67, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Descolonizar: abrindo a história do presente*. Belo Horizonte, MG.: Autêntica Editora; São Paulo, SP: Boitempo, 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*/Tomaz Tadeu da Silva. 3. **1 Reimp-Belo Horizonte: Autentica**, 2013.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023.